

Participar na Escola: Ouçam a Minha Voz!



© Foto: DownMadrid



RELATÓRIO DE UM PROJETO LIDERADO PELA INCLUSION EUROPE
Respeito, solidariedade e inclusão das pessoas com deficiência intelectual

OS
PARCEIROS
DO PROJETO
«OUÇAM A
NOSSA VOZ»:

- 📁 Inclusion Europe: www.inclusion-europe.org
- 📁 Eurochild: www.eurochild.be
- 📁 Fundação Cedar, Bulgária: <http://www.cedarfoundation.org/en/>
- 📁 QUIP, República Checa: www.kvalitavpraxi.cz
- 📁 Fundação Síndrome de Down - Madrid, Espanha: <http://www.downmadrid.org/>

E em colaboração com a Fundação Lumos: www.wearelumos.org

Esta publicação foi escrita principalmente por funcionários da Fundação Síndrome de Down Madrid (Sonja Uhlmann e Marta Albert), como parte do projeto europeu «Ouçam a Nossa Voz: Promover e incentivar a participação de crianças com deficiência intelectual». Este projeto tem como objetivo explorar, dirigir e partilhar métodos que capacitam e promovem a participação de crianças com deficiência intelectual. Para mais informações: www.childrights4all.eu.

Esta publicação foi produzida com o apoio financeiro do programa da Comissão Europeia dos Direitos Fundamentais e Cidadania. O conteúdo desta publicação é da exclusiva responsabilidade dos parceiros de projeto «Ouçam a Nossa Voz!» e não pode, de forma alguma, ser tomado como expressão das opiniões da Comissão Europeia.

©Inclusion Europe, Bruselas, 2014

Foto da capa: © DownMadrid

Design gráfico por Orangemetalic.be

ISBN: 2-87460-154-3

FUNDAMENTOS 4

CAPÍTULO 1: O PROJETO DA FUNDAÇÃO SÍNDROME DE DOWN MADRID 5

1. A nossa escola 5
2. Estamos a promover a participação? 5
3. Passos dados 6
4. Dois casos de estudo concretos: Xavier e Raul 6
 - A) Conhecer-me A mim mesmo 7
 - B) As minhas áreas de necessidade e apoio 10
 - C) Os meus desejos e objetivos 11
 - D) Avaliação do progresso alcançados na realização dos meus objetivos pessoais 13
5. Participação na sala de aula 16
 - Ferramenta 1: A assembleia da escola 16
 - Ferramenta 2: O projeto anual de pesquisa da escola 17
 - Ferramenta 3: Treino das competências de resolução de problemas 17
6. Participação ao nível do centro educativo educacional 18
 - Ferramenta 1: Questionário sobre participação 18
 - Ferramenta 2: Participação responsável nos órgãos representativos oficiais 18
7. Participação conjunta de diferentes centros educacionais 19
 - Participação através de Atividades de Apoio (trabalho voluntário) 19
 - Aumentar a consciencialização e aprender participando:
«Grupo de Jovens no programa Passo a Passo» 19

CAPÍTULO 2: AFERIÇÃO DE RESULTADOS NA DOWN MADRID 21

- I. Participação de cada estudante 21
- II. Participação na sala de aula 21
- III. Participação ao nível do centro educativo educacional 21
- IV. Participação conjunta dos Centros Educacionais 24
- V. Participação através do trabalho voluntário em vários eventos na Fundação 28

BIBLIOGRAFIA SOBRE PARTICIPAÇÃO 29

«Estas aulas eram mensais.
Por exemplo, houve aulas
para ensinar a fazer pizza,
bolinhos e ovos da Páscoa.»



Fundamentos

O artigo 24 da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, que garante que as pessoas com deficiência possam aceder ao ensino inclusivo em pé de igualdade com os outros, foi analisada exaustivamente por professores, famílias e qualquer pessoa que trabalhe diariamente no campo educacional. Foram realizadas discussões sobre as diferenças entre inclusão e integração e foram elaboradas estratégias para transformar as escolas em lugares de inclusão. No entanto, pouca atenção tem sido dada aos artigos 29 e 30, que tratam do direito das pessoas com deficiência em participar e como atingir esse objetivo. Será que faz sentido descrever um ambiente inclusivo, se uma criança com uma deficiência intelectual não é capaz ou não tem permissão para participar?

Desde a infância que nós, as famílias e os educadores profissionais, decidimos o que é melhor para os «nossos» filhos, o que eles querem e do que precisam. Isto acontece ainda com mais frequência quando a criança tem uma deficiência intelectual. Nós somos aqueles que «sabem», os que decidem e definem o enquadramento e os objetivos. Tradicionalmente, ao longo deste processo, as crianças muitas vezes não têm voz.

Para contrariar esta tendência, é essencial apoiar as crianças e equipá-las com as competências e conhecimentos necessários para que, com a ajuda adequada, possam participar plenamente em todos os aspetos de suas vidas. Se nós não as ensinarmos a tomar decisões, a exercer a autodeterminação, a conhecer os seus direitos e exercê-los desde uma idade muito precoce, dificilmente a suas vozes serão ouvidas. Elas têm de entender que são indivíduos que gozam dos mesmos direitos que os outros e que a participação é um dos seus direitos fundamentais.

Uma pesquisa anterior, realizada pelo Inclusion Europe, mostra que as crianças com

deficiência estão menos envolvidas na sociedade do que os seus pares sem deficiência, porque participam menos em atividades sociais. Formar amizades, participar em atividades de grupo e em clubes, são maneiras de aprenderem a participar na sociedade, e essas atividades dão uma contribuição essencial para o desenvolvimento social e pessoal de todas as crianças. No entanto, essa participação nem sempre é fácil porque as crianças com deficiência necessitam de apoio especial para o fazer.

A participação envolve dois aspetos principais. Por um lado, é extremamente importante ouvir as crianças com deficiência intelectual, e, por outro lado, é importante apoiá-las para que possam participar não só na educação formal, mas também em atividades de cariz social.

Um terceiro aspeto que devemos ter em mente é que as crianças com e sem deficiência podem desempenhar um papel importante como agentes de transformação social. O nosso objetivo é fortalecer a capacidade de participação das crianças, tendo em conta a sua idade, maturidade e contexto social. Defendemos o direito das crianças em serem ouvidas, em expressar as suas opiniões sobre questões que as afetam e que lhes seja permitido assumirem as suas funções e responsabilidades, respeitando ao mesmo tempo os seus pais e outras pessoas em posição de autoridade. Quando as crianças aprendem a comunicar as suas opiniões, a assumir a responsabilidade pelas suas ações e a tomar decisões, tornam-se capazes de melhorar a sua posição como estudantes e cidadãos.

Através do projeto «**Ouçam a Nossa Voz**» queremos capacitar e ensinar as crianças com e sem deficiência intelectual a **participar** em todas as questões que as afetam diretamente para que possam ser donas das suas próprias vidas.



O PROJETO DA FUNDAÇÃO SÍNDROME DE DOWN MADRID

1. A nossa escola

As diferentes ferramentas e metodologias discutidas a seguir são utilizadas pelo Centro Fernandez-Miranda para a Educação Especial, uma escola recém-criada (desde 2012) sob os auspícios da Fundação Síndrome de Down de Madrid (ou «Down Madrid»). A missão do centro é melhorar a vida dos seus alunos e das suas famílias por meio de planos de ação e metas definidas no seu programa educativo. Na verdade, é graças a um programa educacional de qualidade que os alunos podem desenvolver-se de forma integral, e este permite-lhes usufruir, controlar e desfrutar do ambiente em que o quotidiano da escola decorre. Este programa educacional oferece aos alunos o apoio e os recursos necessários, acompanhados por pessoal treinado e comprometidos num projeto comum, que inclui todos os membros da comunidade educativa.

O objetivo fundamental do programa é ajudar os nossos alunos a atingir pessoalmente o sucesso. Este objetivo será conseguido graças a um modelo educacional cuidadosamente construído com base em valores como o respeito à diversidade, autonomia e inclusão social, bem como a premissa de uma educação centrada na pessoa integral. As exigências pedagógicas deste modelo são o compromisso, a participação e a comunicação

entre todos os membros da comunidade escolar, incluindo as famílias e as pessoas próximas. Estamos convencidos de que é imperativo oferecer oportunidades de participação às crianças desde muito cedo. Portanto, acreditamos que a participação no projeto **Ouçam a Nossa Voz** tem sido uma oportunidade única para que todos possam dominar as competências necessárias para educar uma criança para a participação.

Esperamos que, com este projeto, as crianças e os jovens aprendam a se tornar-se nos seus próprios decisores, especialmente nas questões que afetam o seu futuro. Esperamos, também, receber todo o apoio dos seus familiares, das pessoas que lhes são próximas e dos seus professores. Desta forma estas crianças, que têm suas próprias esperanças e sonhos, beneficiam do nosso reforço positivo e apoio, nunca esquecendo os seus desejos para o futuro.

2. Estamos a promover a participação?

Antes de começarmos o nosso projeto, discutimos em várias reuniões de equipa o que, na nossa opinião, significa a participação, e quão cientes estamos da importância deste aspeto da nossa escola.

Abaixo está um exemplo de um questionário que ajudou a guiar a nossa discussão.

DESAFIO

CLASSIFICAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO (FAZER CÍRCULO)

As crianças são informadas sobre as mudanças que vão acontecer	1 2 3 4 5
As crianças são informadas da razão das mudanças	1 2 3 4 5
As opiniões das crianças são levadas em conta antes das mudanças acontecerem	1 2 3 4 5
As crianças são informadas de quais são os seus direitos e deveres	1 2 3 4 5
As crianças são encorajadas a dizerem se não gostam de algo	1 2 3 4 5
As crianças podem escolher entre diferentes atividades de lazer	1 2 3 4 5
As crianças podem escolher os livros que são comprados para a biblioteca	1 2 3 4 5
As crianças têm a oportunidade de dar a sua opinião sobre diferentes assuntos	1 2 3 4 5
As crianças têm um sistema de comunicação alternativa, se precisarem	1 2 3 4 5
A escola tem pictogramas informativos para os que precisam de apoio na comunicação	1 2 3 4 5

5 - sempre / 4 – quase sempre / 3 – muitas vezes / 2 - às vezes / 1 - nunca

3. Passos dados

Para organizar o trabalho na nossa escola, dividimos as ações que pretendemos tomar de acordo com o seguinte esquema:



a) Ações que dizem respeito à cultura da escola:

- Informe os pais e os profissionais dos valores e princípios orientadores relativos à participação da criança.
- Escreva esses valores e princípios no papel; organize um pequeno grupo de trabalho com os alunos, pais, professores e funcionários para desenvolver este documento.
- Torne o documento público e tente que todos se envolvam nele.

Lembre-se: O documento tem de ser acessível!

b) Ações relativas aos objetivos da nossa escola:

- Organize ações concretas para promover a participação na nossa escola.
- Preste atenção especial ao aferir quantas ações desenvolvemos para promover a participação durante o ano letivo.
- Coloque fotos e imagens das ações numa parede visível para que todos estejam cientes delas.
- Avalie se os alunos sentem que podem participar nas ações, e que as suas vozes são ouvidas.
- Deixe os alunos saberem como muitas das suas propostas têm sido postas em prática ou foram seriamente consideradas.

c) Ações relativas à nossa estrutura escolar:

- Proporcionar um lugar específico para uma caixa de «Sugestões».
- Fornecer um local de encontro e um intervalo de tempo específico dentro do horário escolar onde os alunos se podem conhecer uns aos outros, e iniciar discussões sobre questões importantes para eles no que diz respeito à estrutura.
- Proporcione um momento específico em que o diretor pode receber estudantes para ouvir as suas sugestões no que diz respeito à estrutura.
- Ofereça um lugar a estudantes no Conselho Escolar.

d) Ações relativas às práticas pedagógicas:

- Inclua formação sobre os direitos das crianças e sobre como reivindicá-los em cada nível do currículo.
- Inclua jogos que desenvolvam competências como a assertividade, a escuta ativa, a resolução de problemas, etc, para cada faixa etária.
- Analise e discuta os desafios enfrentados pela organização e até onde tem avançado na questão da participação da criança.

4. Dois estudos de caso concretos: Xavier e Raul

O caso de Xavier

Xavier é um menino de 12 anos com Síndrome de Down. Antes de se matricular no nosso centro, esteve numa escola inclusiva. A mãe é professora do ensino secundário, e a favor da participação ativa do filho no planeamento do seu próprio futuro.

O caso de Raul

Raul é um menino de 14 anos com Síndrome de Down, e faz parte de uma família de acolhimento. Antes de se matricular no nosso centro, frequentou uma escola inclusiva. A sua família está empenhada em dar-lhe todo o seu apoio para que Raul possa ser o protagonista da sua própria vida.

Raul tem muitas necessidades de apoio,

especialmente na área da autorregulação do comportamento. Usa um sistema de comunicação alternativa (pictogramas) para melhorar o seu comportamento.

Passos dados com ambos os alunos

A metodologia utilizada baseia-se no Planeamento Centrado na Pessoa (PCP), mas não segue as regras desse sistema. Os próprios alunos, as suas famílias e os seus educadores elaboram um Plano de Desenvolvimento Individual (PDI) para cada sujeito. Depois de levar em consideração a história pessoal, as competências a serem desenvolvidas, os talentos a incentivar e os desejos do aluno, o PDI torna mais fácil a um aluno identificar (diretamente ou com a ajuda de outros) as metas que ele ou ela deseja atingir, a fim de melhorar a sua vida durante cada ano letivo. Os/as alunos/as contam com o empenho e força de um grupo de apoio, a fim de alcançar os seus objetivos.

Ao contrário de uma abordagem PCP, não são as crianças quem escolhe os seus facilitadores – esta continua a ser uma função dos professores. A família ainda desempenha um papel decisivo, já que os seus membros terão de ser envolvidos e comprometidos desde o início do programa.

Antes de começar, o programa é explicado à equipa educativa, às famílias e aos próprios alunos. Durante a execução do programa, são realizadas várias atividades centradas na pessoa, sempre com, pela e para a pessoa individual. O que se segue é uma descrição de cada passo dado, bem como as atividades mais importantes e ferramentas utilizadas.

Para extrair as informações necessárias, há várias reuniões durante o ano letivo para fixar as metas do PDI. Todos os membros presentes na reunião deverão concordar com os objetivos pessoais que o aluno deseja alcançar e, sempre que necessário, irão utilizar sistemas alternativos de comunicação. Mais tarde, serão realizadas reuniões para avaliação e acompanhamento.

Foram utilizados os pictogramas desenvolvidos por Sergio Palao. Fonte: ARASAAC (<http://catedu.es/arasaac/>) License: CC (BY-NC-SA).

As etapas descritas no PDI são os seguintes:

- a) Conhecer-me a mim mesmo
 - Esta é a minha gente



- As minhas preferências
- Os meus pontos fortes e fracos

- b) As minhas áreas de necessidade e apoio
- c) Identificar o meu grupo de apoio e os objetivos que desejo alcançar
- d) Avaliar os progressos alcançados na realização dos meus objetivos pessoais

A) Conhecer-me a mim mesmo

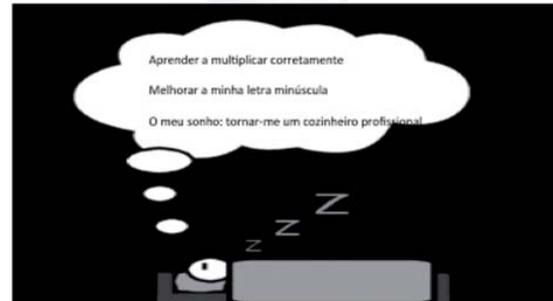
Objetivo: O primeiro objetivo é que o aluno tenha uma auto-imagem realista.

Para alcançar este objetivo, precisamos do aluno para nos mostrar quem faz parte do seu círculo mais próximo: família, amigos, profissionais, outros (vizinhos, monitores de tempos livres). Isto garante que nós sabemos especificamente quais as pessoas mais importantes para ele. O/a aluno/a também deve indicar-nos os seus ambientes diários e os seus lugares favoritos em casa, na escola, no recreio e em quaisquer outros ambientes.

Precisamos de conhecer os gostos e preferências pessoais do/a aluno/a - do que ele/a gosta e o que aprecia, onde se sente confortável e seguro/a, bem como o que o/a incomoda, o que lhe causa desconforto, o que o/a assusta, quais os seus pontos fortes, aquilo em que é bom/a, o que é mais difícil para ele/a, e quais os seus pontos fracos.

Método seguido:

1. Apresentamos o nosso método como uma proposta de plano de ação, a fim de incentivar o/a aluno e a sua família, juntamente com a equipa de apoio da escola, a reunir as informações mais relevantes (com a ajuda dos pais e profissionais) para apresentação ao seu



«Xavier é um menino de 12 anos com Síndrome de Down.»

- grupo de apoio. Desta forma, quem se preocupa com o/a aluno/a e está empenhado em ajudar pode compartilhar uma visão comum dos seus planos para o futuro.
- O tutor-facilitador tem um primeiro encontro com o/a aluno/a com deficiência, a fim de o/a avaliar de forma abrangente, através de ferramentas selecionadas. Nesta primeira reunião, o/a aluno/a é levado a entender, de acordo com seu nível de compreensão, os objetivos do plano de ação proposto e o significado das informações registadas em cada ficheiro pessoal.
 - O tutor-facilitador realiza o planeamento individual e avaliação com a ajuda da rede de apoio natural do aluno. As principais funções do tutor-facilitador é garantir que os direitos, ideias, objetivos e preferências da pessoa com deficiência sejam respeitados, dando suporte à ideia de que o/a aluno/a com deficiência é capaz de dirigir a sua própria vida; dirigir e estimular a participação do grupo de apoio oficial, gerando um clima de confiança e chegar a um consenso entre todos os seus membros; orientar as reuniões; acompanhar os progressos; e incentivar a implementação de todos os compromissos assumidos.

(Vídeo 1) Preparação da minha reunião

«ESTA É A MINHA GENTE»

Objetivos: O nosso objetivo é identificar quem é importante para o aluno. A fim de tornar o processo de identificação mais fácil, existem várias categorias: familiares, amigos, profissionais e outros (vizinhos, etc). São pessoas próximas ao/a aluno/a com quem podemos contar para ajudar no seu progresso em direção aos seus objetivos.

Método Seguido:

- O/a aluno/a indica as pessoas mais importantes no seu ambiente imediato. Para facilitar essa identificação, estas pessoas são separadas em quatro grupos: Família, amigos, profissionais e "outras pessoas no meu ambiente". A partir deste mapa de relacionamentos, o/a aluno/a seleciona pessoas que quer incluir no seu processo de planeamento, ou seja, pessoas que estarão sempre presentes e que irão oferecer-lhe toda a ajuda e apoio de que precisa para alcançar os seus objetivos.
- Em todos os casos, o/a facilitador/a será o/a tutor/a da turma.
- Planeamento do processo: Uma vez identificadas as pessoas mais importantes, o/a aluno/a decide quem quer incluir no seu grupo de apoio oficial.
- Uma vez que o grupo tenha sido definido, o/a aluno/a contacta cada uma das pessoas que escolheu com a ajuda da sua família ou do/a facilitador/a. Depois de obter o seu acordo em participar, o/a facilitador/a irá coordenar os horários para que possam começar a reunir em caráter oficial.



ESTA É A MINHA GENTE (XAVIER)



ESTA É A MINHA GENTE (RAUL)



«AS MINHAS PREFERÊNCIAS»

Objetivos: Desenvolver um perfil pessoal que vai nos ajudar a conhecer e a ouvir a pessoa, para que possamos descobrir e apreciar os seus gostos, competências e capacidades, bem como as suas dificuldades e frustrações.

Método Seguido:

1. O/a facilitador/a investiga os melhores métodos para a coleta de informações do/a aluno/a, já que essa informação vai levar a uma melhor compreensão dele ou dela. Para conseguir isso, o/a facilitador/a irá preparar materiais para ajudar o/a aluno/a
2. Com a ajuda do/a aluno/a, são concebidos materiais informatizados muito atrativos, adaptados para despertar o seu interesse individual.

neste processo de autoconhecimento. O/a aluno/a deve descrever como gasta o seu tempo, a quantidade de tempo que passa tanto em comunidade como em ambientes privados («Os meus locais»), as atividades de que gosta/não gosta («As minhas preferências») e os seus sonhos pessoais para o futuro («Os meus desejos»).

Xavier

OS MEUS GOSTOS E PREFERÊNCIAS
GOSTAR, DESFRUTAR, SENTIR-SE CONFORTÁVEL, SEGURO...

- Provocar (a brincar!)
- Jogar com as minhas cartas de Pokémon
- Ver TV e DVDs
- Gosto muito de comer: frango com batatas, massas, pizza
- Gosto muito de fazer truques de magia
- Gosto de ir ao cinema, à piscina e aos acampamentos de verão.

...NÃO GOSTO MESMO NADA
O QUE ME INCOMODA, ME FAZ SENTIR DESCONFORTÁVEL, ME ASSUSTA...

- Lutas: empurrar, gritar ...
- Quando mexem nas minhas coisas
- Detesto que haja coisas que não posso comer

O MEU AMBIENTE E LUGARES FAVORITOS

Raul

OS MEUS GOSTOS E PREFERÊNCIAS
GOSTAR, DESFRUTAR, SENTIR-SE CONFORTÁVEL, SEGURO...

FUTEBOL VOLEIBOL BOWLING TÊNIS

PIZZA COM MOLHO BARBECUE SALSICHAS

OVOS COM

A FADA DOS DENTES

...NÃO GOSTO MESMO NADA
O QUE ME INCOMODA, ME FAZ SENTIR DESCONFORTÁVEL, ME ASSUSTA...

THAILOIS

BATER

NÃO USAR ÓCULOS NA PESQUISA

O MEU AMBIENTE E LUGARES FAVORITOS

«OS MEUS PONTOS FORTES E FRACOS»

Objetivos: conhecer bem o/a aluno/a. Descobrir seus talentos, o que as outras pessoas admiram nele/a, e as suas limitações.

Método Seguido:

1. O/a facilitador/a vai ajudar a pessoa com deficiência a descobrir as suas habilidades e as atividades em que se destaca, incluindo todas as tarefas que é capaz de executar bem. Ao mesmo tempo, o indivíduo deve estar consciente das suas limitações, das atividades ou tarefas durante as quais pode cometer mais erros, e, finalmente, de um comportamento que não é adequado, ou porque é sempre inaceitável ou porque não é apropriado para o momento ou situação presente.

Xavier

SOU BOM EM...
OS MEUS PONTOS FORTES

Sou engraçado, amigoso, sou muito bom a fazer teatro e a escrever histórias

AQUILO QUE MAIS ME CUSTA...
OS MEUS PONTOS FRACOS

Seguir as regras
Parar de fazer batota
Partilhar as minhas coisas com os outros
Dizer "olá" às pessoas que não conheço
Ser organizado

Raul

SOU BOM EM...
OS MEUS PONTOS FORTES




NA



AQUILO QUE MAIS ME CUSTA...
OS MEUS PONTOS FRACOS




ACALMAR-ME

MATEMÁTICA

B) As minhas áreas de necessidade e apoio

O segundo passo que devemos dar, a fim de avaliar as necessidades de apoio do/a jovem, é identificar as principais áreas que necessitam de apoio e assistência. O indivíduo é encorajado a seguir este processo de pensamento: «Tendo em conta a minha idade e estágio de desenvolvimento, juntos devemos identificar as necessidades de apoio que são importantes para mim e de quanta assistência preciso».

As necessidades durante as seguintes atividades serão revistas com o aluno: vestuário, higiene, nutrição, aparência pessoal,

tarefas domésticas, atividades de lazer em casa, autorregulação, comunicação e linguagem, processos cognitivos, o desenvolvimento motor, nível de sensibilidade, hábitos de sono, lesão física, saúde e segurança, atividades de lazer dentro da comunidade, o uso de transportes públicos, questões de dinheiro, mobilidade e sentido de orientação, motivação, rotinas diárias, tomada de decisão, autodefesa, desenvolvimento social e emocional, comportamento social básico (competências sociais) e da interação social (cooperando, mostrando respeito pelos outros).

Xavier

PRECISO DE MAIS APOIO



Identificação das áreas nas quais é necessário mais apoio			
Vestir-se	Comunicação e competências linguísticas	Interação (cooperação, mostrar respeito)	
	Processos cognitivos	Atividades de lazer	Comportamento social básico (competências sociais)
Higiene Pessoal	Competências motoras	Utilização dos transportes públicos	Desenvolvimento emocional
Hábitos alimentares	Nível de sensibilidade	Dinheiro	
Aparência pessoal	Orientação e mobilidade		
Tarefas domésticas	Sono	Motivação	Autodefesa
Lazer em casa	Danos pessoais	Rotinas diárias	Tomada de decisões
Autogestão	Tendo em conta a minha idade e estágio de desenvolvimento, iremos identificar as áreas mais importantes nas quais é preciso mais apoio, bem como a intensidade do apoio de que preciso.		

Raul

PRECISO DE MAIS APOIO



Identificação das áreas nas quais é necessário mais apoio			
Vestir-se	Comunicação e competências linguísticas	Interação (cooperação, mostrar respeito)	
	Processos cognitivos	Atividades de lazer	Comportamento social básico (competências sociais)
Higiene Pessoal	Competências motoras	Utilização dos transportes públicos	Desenvolvimento emocional
Hábitos alimentares	Nível de sensibilidade	Dinheiro	
Aparência pessoal	Orientação e mobilidade		
Tarefas domésticas	Sono	Motivação	Autodefesa
Lazer em casa	Danos pessoais	Rotinas diárias	Tomada de decisões
Autogestão	Tendo em conta a minha idade e estágio de desenvolvimento, iremos identificar as áreas mais importantes nas quais é preciso mais apoio, bem como a intensidade do apoio de que preciso.		

C) Os meus desejos e objetivos

Objetivos: determinar o que é que a criança está interessada em aprender e quais os objetivos que deseja alcançar dentro e fora da sala de aula durante o ano letivo.

Metodologia seguida:

1. O facilitador irá ajudar o jovem a descobrir os seus desejos e metas. Antes de iniciar o seu plano individual, o/a aluno/a deve parar para pensar sobre quais, dos objetivos propostos, são os mais importantes para ele/a.
3. É melhor começar com tarefas simples, um objetivo de cada vez, concentrando-se em cada aspeto único. O nosso desejo é que as metas e os sonhos do/a aluno/a sejam cumpridos. No entanto, temos de ser realistas e comprometermo-nos apenas com metas que sejam alcançáveis.
4. Finalmente, vamos registar por escrito os acordos e obrigações de cada pessoa da equipa, especificando os seus prazos, locais, etc. Antes de começar, é preciso garantir que os/as alunos/as têm uma

Xavier



OS MEUS DESEJOS E OBJETIVOS

O QUE GOSTARIA DE ATINGIR ESTE ANO NA ESCOLA
O QUE GOSTARIA DE APRENDER

- Fazer multiplicações corretamente
- Fazer experiências científicas
- Escrever com letras minúsculas
- O meu sonho é ser cozinheiro: aprender a cozinhar com a minha mãe
- Gostava de ler livros e de ver mais filmes de mistério

Raul



OS MEUS DESEJOS E OBJETIVOS

O QUE GOSTARIA DE ATINGIR ESTE ANO NA ESCOLA
O QUE GOSTARIA DE APRENDER



2. Depois de completar o PDI Plano Individual ficaremos equipados com todas as informações de que precisamos sobre cada aluno. Desta forma, teremos um melhor conhecimento de todas as crianças em idade escolar, e estas sairão de cada reunião com a sensação de que nos preocupamos com tudo o que as motiva. Temos que fazê-las entender que muitos dos seus sonhos e objetivos podem ser alcançados através do esforço e entusiasmo e com uma atitude de participação ativa. Ao mesmo tempo, temos de estar constantemente cientes de todas as informações que tiverem partilhado connosco e teremos de manter a nossa promessa de que elas podem conseguir tudo o que querem realizar. Temos de proporcionar-lhes a ajuda de que necessitam para desenvolver as suas competências e talentos.

compreensão completa do que foi discutido. Têm de saber que os/as vamos apoiar e ajudar com toda a nossa capacidade, em todos os sentidos possíveis. Devem sentir-se protegidos/as e apoiados/as. Ao mesmo tempo, também têm de concordar em contribuir com o seu próprio tempo e esforço para conseguir atingir as suas metas pessoais.

Com a implementação deste programa, podemos superar muitos dos preconceitos da sociedade para com as pessoas com deficiência intelectual, e podemos fazer com que estes/as jovens estejam mais dispostos/as a gerir e participar nas suas próprias vidas.

Devemos prestar muita atenção às metas que as crianças estabelecem, a fim de disponibilizar as ferramentas necessárias para as ajudar a alcançar essas mesmas metas.

Xavier



OS MEUS DESEJOS E OBJETIVOS

O QUE GOSTARIA DE ATINGIR ESTE ANO NA ESCOLA
O QUE GOSTARIA DE APRENDER

- Fazer multiplicações corretamente
- Fazer experiências científicas
- Escrever com letras minúsculas
- O meu sonho é ser cozinheiro: aprender a cozinhar com a minha mãe
- Gostava de ler livros e de ver mais filmes de mistério

ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO

Voltámos a encontrar-nos para avaliar
o progresso já feito e verificar se ele
corresponde ao acordo a que tínhamos
chegado

ASSINADO: Hugo

ASSINADO:
Miguel

ASSINADO: Maria

ASSINADO: Luísa

ASSINADO: João

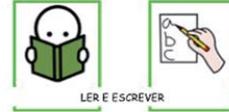
Em Lisboa, (data)

Raul



OS MEUS DESEJOS E OBJETIVOS

O QUE GOSTARIA DE ATINGIR ESTE ANO NA ESCOLA
O QUE GOSTARIA DE APRENDER



D) Avaliação do progresso alcançado na realização dos meus objetivos pessoais

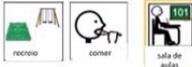
O/a tutor/a-facilitador/a irá garantir que as metas e atividades propostas para cada aluno estão a ser implementadas. Para este fim, irá convocar reuniões periódicas de revisão para avaliação do progresso.

No nosso caso, estas reuniões de revisão tiveram lugar a cada 4-5 meses. Começámos o programa em setembro, realizou-se a primeira reunião de avaliação de progresso em fevereiro, e outra em junho.

Xavier

XAVIER  com  ?

O que aprendi com os meus colegas?



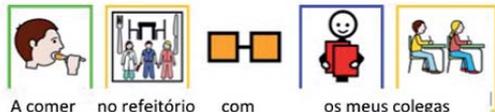

Ajudar os outros alunos quando eles não conhecem os trabalhos
Trabalhar sozinho na sala de aulas
Partilhar e cuidar do equipamento



Raul

RAUL  com  ?

Que é que aprendi com os meus colegas?


Xavier

Que posso  fazer  ?

Que posso eu fazer melhor?



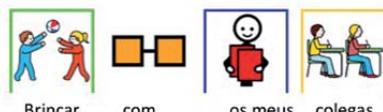
Escrever com letras minúsculas
Dizer olá às pessoas



Raul

Que posso  fazer  ?

Que posso eu fazer melhor?

XAVIER   Que vamos nós fazer agora?

Objetivos e sonhos	Novos acordos
Aprender a multiplicar corretamente	<ul style="list-style-type: none"> Trabalhar com aproximações, arredondar Trabalhar em casa 15 minutos por dia Lidar com dinheiro
Fazer experiências científicas	Nas aulas: Projeto de Ciências
Escrever com letra minúscula	Escrever sempre com letra minúscula. Em casa, três páginas por dia.
Aprender a cozinhar	<ul style="list-style-type: none"> Cozinhar com o meu pai Cozinhar em casa Comer sem atirar comida para o chão
Ler livros e ver mais filmes de mistério	Atingido

RAUL

ESTA É A MINHA REUNIÃO



1º CONHECER-ME A MIM MESMO



Alcançar uma auto-imagem realista.

2º AS MINHAS ÁREAS DE NECESSIDADE E DE APOIO



Identificar áreas importantes em que é preciso apoio, e em que grau.

3º «OS MEUS DESEJOS E OBJETIVOS»



Perceber o que gostaria de aprender, o que quer realizar, dentro e fora da sala de aula...

4º AVALIAÇÃO E REVISÃO



Medir o progresso que fez na realização dos seus objetivos.

1º CONHECER-ME A MIM MESMO



Raul mostrou-nos que as pessoas mais importantes na sua vida são os pais e o irmão, alguns professores e colegas.



Gosta de fazer desporto, mas não gosta de ficar nervoso ou de bater, nem de se esquecer dos óculos de natação.



Identifica o seu ponto forte como sendo a natação, e o seu ponto fraco como sendo a dificuldade em acalmar-se.



Consegue identificar o seu lugar favorito.

2º AS MINHAS NECESSIDADES DE APOIO



Precisa de apoio principalmente para controlar as suas emoções e nas competências sociais.

3º «OS MEUS DESEJOS E OBJETIVOS»



Os desejos de Raul: melhorar na leitura, na matemática, e fazer amigos.

4º AVALIAÇÃO E REVISÃO

1º CONHECER-ME A MIM MESMO



Xavier mostra-nos que as pessoas mais importantes na sua vida são os pais e o irmão, alguns professores e colegas.



Gosta de pregar partidas, das suas cartas de Pokémon, de ver televisão e dvds. Comidas preferidas: Frango com batatas, massa, pizza. Fazer truques de magia. Ir ao cinema, à piscina ou aos acampamentos de férias. Não gosta de lutar: de empurrar, de gritar..., de quando alguém lhe tira as suas coisas, ou de não o deixarem comer certas coisas.



Identifica os seus pontos fortes como sendo: ser uma pessoa divertida, amigável, de ser bom no teatro e a escrever histórias. É arrumado. É difícil para ele obedecer à mãe e aos professores, e respeitar os colegas, ou de parar de pregar partidas quando lhe pedem. É difícil para ele partilhar e respeitar os pertences dos outros.



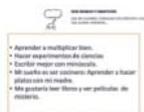
Consegue identificar os seus lugares favoritos.

2º AS MINHAS NECESSIDADES DE APOIO



Precisa de apoio durante as atividades de lazer, principalmente em casa. Também precisa de ajuda com as suas competências sociais e emocionais.

3º «OS MEUS DESEJOS E OBJETIVOS»



Os desejos de Xavier: aprender a multiplicar bem, fazer experiências em Ciências, escrever melhor as letras minúsculas. O seu sonho: ser cozinheiro. Gostava de ler livros e ver filmes de mistério.

4º AVALIAÇÃO E REVISÃO



Xavier tem conseguido relacionar-se melhor e socializar mais com os seus colegas. Tem cozinhado com a mãe e o pai. Melhorou na escrita.

XAVIER

A MINHA REUNIÃO



1º CONHECER-ME A MIM MESMO



Obter uma auto-imagem realista.

2º AS MINHAS ÁREAS DE NECESSIDADE E APOIO



Identificar áreas importantes onde o apoio é necessário e em que grau.

3º «OS MEUS DESEJOS E OBJETIVOS»



Perceber o que quer aprender, e os seus objetivos para este ano, dentro e fora da sala de aula...

4º AVALIAÇÃO E REVISÃO



Aferição do progresso.

5. Participação na sala de aula

«*Aprendemos pela
experimentação, tudo o resto
é mera informação.*
- Albert Einstein »

Os centros educativos são um cenário ideal para ensinar às crianças em idade escolar o que é a participação. Podemos incentivar à participação, fornecendo-lhes as ferramentas apropriadas para aprenderem a fazer escolhas e a tomar decisões, incentivando assim a criação de atitudes e valores como: o sentido de responsabilidade, o respeito pelos outros, a autonomia e a solidariedade. Além disso, é participando que se aprende como participar. Isto implica que as técnicas e dinâmicas utilizadas durante estas sessões de trabalho sejam participativas na sua natureza, para que as crianças possam experimentar, em primeira mão, o que é a participação. À medida que trabalhamos para assegurar a sua maior participação, estamos a caminhar para um sistema educativo mais inclusivo e para uma maior autossuficiência pessoal - por outras palavras, para uma melhor qualidade de vida para todos.

A participação requer a vontade de participar, o conhecimento e a capacitação. Os/as alunos/as precisam de entender o que significa participar e o que querem os/as educadores/as dizer com isto: proporcionar oportunidades e eliminar barreiras (barreiras cognitivas, barreiras linguísticas, etc). A fim de incentivar a participação na nossa escola, devemos criar espaços especiais destinados a promover a comunicação, cooperação e diálogo entre todos nós.

A participação ativa é uma característica de uma «escola eficaz». (Sandoval 2011, p 115). Levar em conta as opiniões das crianças em situações que as afetam diretamente (o processo de ensino e aprendizagem, os ambientes escolares e suas configurações, etc) torna-se indispensável para as escolas que pretendem ser de facto participatórias. É importante levar as vozes das nossas crianças em conta e considerar que os/as alunos/as são ferramentas para a mudança na cultura e práticas de um dado centro educativo. Esta atitude implica o reconhecimento como sujeitos ativos, competentes, com conhecimento e capacidade para participar em tudo o que afeta as suas vidas (Echeita 2008). Prestar atenção às suas vozes implica o seu

reconhecimento como verdadeiros atores sociais (Sandoval 2011).

Com base no programa **Ouçam as Nossas Vozes** começámos a implementar programas destinados a melhorar a participação.

Foram usadas três ferramentas:

- A Assembleia da Escola
- O Projeto Anual de Pesquisa na Escola
- O treino nas competências de resolução de problemas

FERRAMENTA 1: A ASSEMBLEIA ESCOLAR

Objetivos: O objetivo das assembleias escolares é fornecer um lugar específico que incentive a participação significativa e oferecer uma oportunidade para os estudantes expressarem suas opiniões, que, nas palavras de Sandoval (2011), é o mesmo que usar novos argumentos para exigir que não haja «*nada sobre nós, sem nós*». (p 119). Através desta iniciativa, os/as estudantes adquirem um papel de liderança maior e uma maior capacidade de dar um sentido às suas experiências de vida, bem como um maior sentido de responsabilidade durante a sua vida escolar. A assembleia também fornece ao corpo docente uma ferramenta que lhe permite reconhecer melhor as habilidades de participação dos/as seus/suas estudantes. (Susinos, 2009);

Estas reuniões da Assembleia Escolar acontecem uma vez por semana. A avaliação de uma assembleia concentra-se em variáveis quantitativas, como o número de alunos/as que a frequentam, a quantidade de respostas geradas e outros dados que indicam se eles estão ou não a participar. Os aspetos qualitativos avaliam se os/as alunos/as se sentem confortáveis durante a assembleia, e se as propostas apresentadas são ou não devidamente registadas e levadas em consideração, etc.

A participação tem uma dimensão social e de grupo. Quando aplicada a uma situação de grupo, implica dar e expressar as nossas opiniões como indivíduos e compartilhá-las com outros membros do grupo. Este processo requer um diálogo melhorado, empatia evidente para com os outros, e cooperação.

Metodologia:

São escolhidos um/a secretário/a e um/a moderador/a entre as crianças. Estas posições serão rotativas. A função do/a secretário/a será tomar notas. O/a moderador/a irá lembrar aos participantes as diferentes partes da reunião e dar a palavra aos participantes, um por um.

A assembleia é constituída por três partes:



NOTÍCIAS



ANÚNCIOS



FIM DE SEMANA

Na secção de «Notícias» da assembleia, os/as alunos/as podem falar sobre algum acontecimento recente do mundo (ou, por vezes, os pessoais). A secção «Avisos» trata de algo, ligado à vida quotidiana, que acontecerá no futuro, enquanto que na secção de «Fim de semana» os/as alunos/as podem escolher a ocorrência mais significativa do seu fim de semana.

Durante a reunião será feita uma Chamada, e os/as participantes deverão realizar uma autoavaliação dos progressos realizados.

FERRAMENTA 2: O PROJETO ANUAL DE PESQUISA DA ESCOLA

Estudantes de diferentes níveis de ensino participam no projeto anual de pesquisa da



escola. As idades variam entre 12 e os 15 anos, e estes concordam num tema para o projeto, depois de lhes terem sido oferecidos três temas diferentes. Depois de terem refletido sobre as diferentes opções, têm a oportunidade de defender as suas escolhas e tentar convencer os outros participantes, argumentando. Em seguida, é realizada uma votação secreta e o projeto vencedor é anunciado ao grupo. Os/as alunos/as são obrigados/as a aceitar o projeto escolhido pela maioria e a trabalhar ativamente sobre ele.

FERRAMENTA 3: ENTRENAMIENTO EN RESOLUCIÓN DE PROBLEMAS

Seguimos a metodologia descrita no programa «PENTA: eu aprendo a resolver problemas sozinho», concebido por Luz Pérez Sánchez e por Diana Cabezas Gómez e publicado em 2006 pelo Instituto Calasanz de Ciências da Educação, em Madrid.

O programa é constituído por 10 livros:

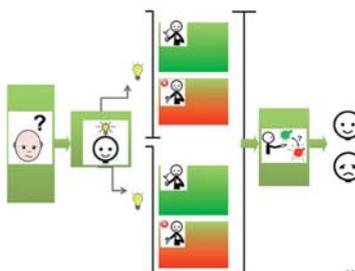
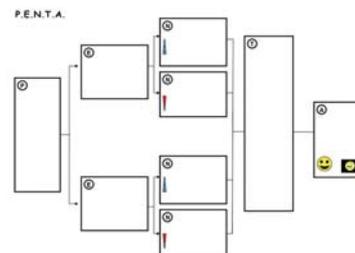
- Introdução ao programa.
- Motivação para o programa.
- O Programa PENTA
- Situações/problemas decorrentes das relações interpessoais.
- Situações/problemas que surgem no ambiente doméstico.
- Unidade de Reforço.
- Situações problemas que surgem durante a utilização de meios de transporte.
- Situações/problemas que surgem na vizinhança imediata.
- Situações/problemas que surgem durante as atividades recreativas.
- Unidade de Reforço.

Fizemos ligeiras mudanças no programa para adaptá-lo às nossas necessidades.

PENTA



- P Definir o problema
Qual é o problema?
- E Elaborar alternativas
Como posso resolvê-lo?
- N Negociação: vantagens e desvantagens
Que poderá suceder se agir assim?
- T Tomar decisões
Qual das hipóteses é a melhor?
- A Agir e avaliar
O que fiz? Funcionou?



NA SALA DE AULA:

- Participo na elaboração das regras da sala de aula.

NUNCA	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
- Ajudo a escolher os assuntos que abordamos na aula.

NUNCA	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
- Faço perguntas ao professor quando não entendo.

NUNCA	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
- Os meus professores interessam-se pelas minhas preferências e ideias.

NUNCA	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
- Ajudo os meus colegas quando ficam atrapalhados.

NUNCA	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
- Posso escolher as minhas atividades.

NUNCA	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
- Os professores perguntam se gostamos das atividades.

NUNCA	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
- Posso escolher os meus trabalhos de casa.

NUNCA	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

- Na aula, posso escolher ao lado de quem me sento.

NUNCA	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
- Gosto de ir ao recreio.

NUNCA	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
- Tenho amigos na escola.

NUNCA	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
- De que é que gostamos mais nesta disciplina?
- O que é que gostamos de mudar?

NO REFEITÓRIO:

- As vezes, posso escolher ao lado de quem me sento.

NUNCA	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
- Ajudo a pôr e a levantar a mesa.

<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

DURANTE O RECREIO:

- Posso escolher os jogos que quero jogar.

NUNCA	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
- Posso escolher com quem jogo.

NUNCA	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
- Resolvemos os problemas entre nós.

NUNCA	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
- São os professores que resolvem os nossos problemas.

NUNCA	ÀS VEZES	MUITAS VEZES	SEMPRE
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

6. Participação ao nível do centro educativo

Foram utilizadas duas ferramentas:

- questionários.
- A participação responsável nas organizações oficiais representativas.

FERRAMENTA 1: QUESTIONÁRIO SOBRE PARTICIPAÇÃO

Objetivos: Os questionários são desenvolvidos para fornecer informações sobre como os/as alunos/as entendem a sua participação individual no centro e se sentem ou não um determinado nível de satisfação. Cada questionário foi concebido de acordo com o nível escolar do/a aluno/a, um para os/as alunos/as da escola secundária (12-16 anos) e outro para os/as alunos/as no programa de Transição para a Vida Adulta (TVA) e do Programa de Formação Profissional (FPF) (16 - 21 anos).

Os/as alunos/as mais velhos/as receberam o questionário-amostra que constava do «Guia para a participação de pessoas com deficiência intelectual ou de desenvolvimento», (FEAPS, 2013). Este questionário foi adaptado às características do nosso centro.

O questionário está dividido em três conjuntos de perguntas. Na primeira secção, os/as alunos/as são convidados/as a dizerem se sentem que as suas opiniões e ideias são levadas em consideração. A segunda secção pergunta se sentem que estão realmente a participar, e a terceira secção pede-lhes para sugerir (através de perguntas em aberto) mudanças para melhorar as atividades de sala de aula.

O formato das respostas fornecidas segue uma escala do tipo Likert, adaptada com pictogramas. As quatro respostas possíveis são: «nunca», «às vezes», «frequentemente», e «sempre».

O questionário apresentado aos/as alunos/as mais novos/as usa uma versão adaptada do «Conjunto de Ferramentas para Identificação e Coleta de Dados da Deficiência» (Porter, Hacker, Georgeson, Daniels, Martin e Feiler, 2010).

Este conjunto de ferramentas faz uma pesquisa usando itens para avaliar «as coisas boas e as coisas más da nossa escola». Foi adaptado para as necessidades especiais

dos/as alunos/as com dificuldades de leitura, escrita ou comunicação. Primeiro, são feitas perguntas gerais sobre se gostam ou não de ir à escola, de fazer os trabalhos de casa, ou de participar em reuniões onde são o principal tema de discussão.

Em seguida, são questionados/as sobre as suas experiências durante as várias atividades escolares (Assembleia Escolar, o refeitório, a hora do recreio). Também lhes perguntamos se gostam das diferentes disciplinas ministradas no centro. Finalmente, os/as alunos/as são convidados/as a dar o seu parecer sobre se experimentaram ou não dificuldades durante esses momentos na escola e quais as suas rotinas preferidas (se estudam por si só, em grupo na sala de aula, com o seu grupo do Projeto de Pesquisa na escola, ou com o professor, um-a-um).

Método Seguido:

O questionário foi elaborado em Linguagem Fácil¹.

Dependendo das necessidades de apoio do/a estudante, o questionário pode ser preenchido de forma individual ou com a ajuda de um grupo.

O professor ou o/a aluno/a lê as perguntas. Uma vez que os/as alunos/as tenham entendido as perguntas, são incentivados/as a respondê-las individualmente.

No caso das questões abertas encontradas nos questionários dos/as alunos/as mais velhos/as, os/as estudantes também respondem individualmente com a ajuda do/a seu/sua professor/a.

Uma amostra das perguntas da pesquisa utilizadas nos programas para a Transição para a Vida Adulta (TVA) e de Formação Profissional (FPF) é fornecida no lado esquerdo desta página.

FERRAMENTA 2: PARTICIPAÇÃO RESPONSÁVEL NOS ORGÃOS REPRESENTATIVOS OFICIAIS

Está incluído/a um/a representante dos estudantes entre os membros do Conselho Escolar. A fim de incentivar a participação do aluno, incluíram-se as seguintes atividades na agenda do Conselho:

- Os documentos são preparados em

¹ Em Portugal também referido como Leitura Fácil.

Linguagem Fácil para que sejam acessíveis (agenda de reuniões, orçamentos, etc.)

- O/a representante dos/as estudantes é convidado/a a reunir-se com todas as turmas para recolher as suas ideias e preocupações.
- O/a representante dos/as estudantes retransmite as reclamações e sugestões ao Conselho Escolar.



7. Fomentando la participación entre diferentes Centros Educativos

Participação através de Atividades de Apoio (trabalho voluntário)

É importante para as pessoas com deficiência intelectual participar em atividades cujo objetivo é ajudar os outros, uma vez que na maioria das vezes esses papéis são invertidos e são as pessoas com deficiência que recebem assistência.

Os estudantes de nosso centro educativo encontraram-se com outros alunos de uma escola inclusiva na mesma comunidade. Juntos, angariaram fundos para o envio de dinheiro às vítimas de um desastre natural que ocorreu recentemente nas Filipinas, através de uma ONG. Os/as alunos/as escolheram a causa para a qual queriam contribuir.

Organizámos um Dia do Desporto com lances livres de basquetebol com equipas mistas. Cada aluno/a tinha de encontrar patrocinadores para a sua equipa. Cada patrocinador tinha de se comprometer em fazer uma contribuição por cada cesto feito. O evento foi um sucesso, e todo o dinheiro arrecadado foi enviado para a ONG.

Aumentar a consciencialização e aprender participando: «Grupo de Jovens no programa Passo a Passo»

O projeto de participação **Ouçam as Nossas Vozes**, de acordo com os objetivos da Fundação Síndrome de Down de Madrid, gostaria de sublinhar a sua missão de atuar como «facilitadores e promotores» da inclusão social das pessoas com deficiência intelectual. Para este efeito, considera-se que, a fim de fomentar a inclusão e maior participação das pessoas com deficiência intelectual no seu ambiente do dia-a-dia, é necessário fazer com que a sociedade - e, assim, a comunidade educativa - aumente a sua consciência sobre as capacidades das pessoas com deficiência intelectual e de desenvolvimento. Este objetivo será alcançado através do aumento do conhecimento da sociedade sobre a capacidade de participação destas pessoas, incluindo os seus pontos fortes, os seus direitos e obrigações, e outros problemas que enfrentam. Cabe às pessoas com deficiência e aos seus colegas transmitir e demonstrar as realizações e competências que lhes permitem ser verdadeiros participantes na sociedade.

A projeto **Ouçam a Nossa Voz** reuniu um grupo de adolescentes entre os 14 e 18 anos, com e sem deficiência, para formar o grupo



oficial «Passo a Passo» atuando como promotores da inclusão. Os seus objetivos eram pensar, projetar, desenvolver e executar planos de ação para promover a inclusão e a participação de todas as pessoas com deficiência intelectual.

Formação do grupo:

Dado que o que queríamos era incentivar a participação de jovens com e sem deficiência, pensámos em juntá-los num grupo. O primeiro desafio foi encontrar uma maneira de atrair os jovens sem deficiência à participação. Em primeiro lugar, procurámos jovens que já haviam entrado em contacto com a deficiência por várias razões: tinham irmãos com deficiência, ou os seus pais trabalhavam com jovens com deficiência. Estes jovens serviram como fundamento para o lançamento do grupo e, posteriormente, trouxeram os/as seus/suas próprios/as amigos/as para se juntarem aos outros.

Metodologia:



Participantes: escolhidos entre um grupo de jovens (15-18 anos de idade), com ou sem deficiência que pertencem a vários centros educativos inclusivos ou de necessidades educativas especiais.

Prazo: Reuniões mensais (na última sexta-feira de cada mês).

Ferramentas:

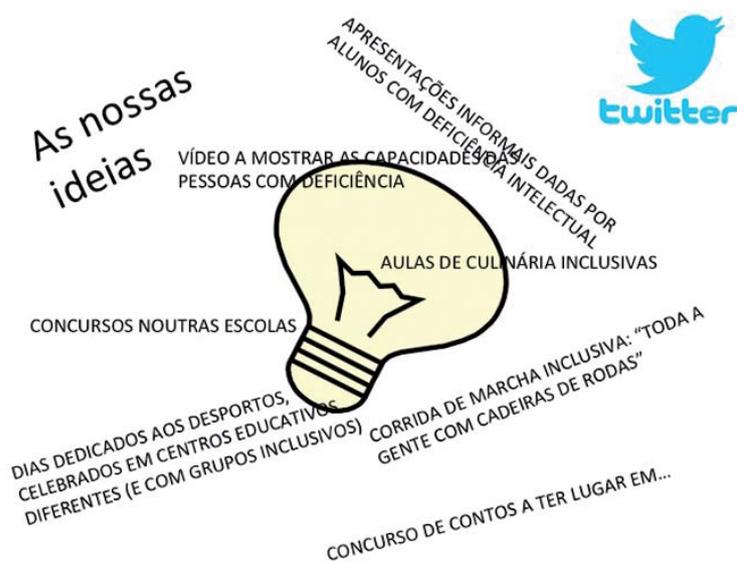
As reuniões tiveram a forma de sessões de brainstorming. Esta é uma técnica de pensamento criativo usada para estimular a produção de novas ideias visando a resolução de problemas, dentro de um grupo.

As diferentes fases do processo são as seguintes:

1. Introdução à sessão de brainstorming: inclui explicar a natureza da sessão, os seus objetivos, o procedimento a ser seguido e a sua duração.
2. Produção de novas ideias: estas aparecem como suportes visuais num quadro negro ou na tela. As ideias a serem discutidas são sempre apresentadas na forma de uma pergunta. Normalmente, é definida uma meta mensurável quanto ao número de novas ideias a serem propostas.
3. Melhoria da ideia: Aqui, o papel dinâmico do moderador do grupo é fundamental. Este é o momento em que as ideias expressas pelo grupo são melhoradas e sintetizadas.
4. Revisão: As ideias são reduzidas a uma lista específica.

A partir deste momento, assim que as diferentes ideias geradas pelo grupo foram estabelecidas, deu-se início ao processo de implementação.

As ideias que o grupo gerou foram estas:



AFERIÇÃO DE RESULTADOS NA DOWN MADRID

I. Participação de cada estudante

Usando o programa «Esta é a minha reunião» pudemos obter resultados positivos para cada aluno/a. Os/as alunos/as adquiriram um maior autoconhecimento e mais motivação para participarem no processo de aprendizagem. Os/as nossos/as alunos/as sentiram que tinham agido como participantes e figuras-chave durante todo o processo, e que colaboraram ativamente na formulação das metas que precisavam de ser alcançadas.

Uma vez após outra, tem sido demonstrado que, quando oferecemos aos/às nossos/as alunos/as oportunidades de participar, eles/as tiram o máximo proveito dessas oportunidades.

No próximo ano letivo, vamos seguir a mesma linha de ação, oferecendo mais oportunidades de participação aos/às estudantes em todas as áreas.

Esperamos que, com o aumento constante da sua capacidade de participação, eles/as consigam aumentar a sua sensação de bem-estar e a sua de qualidade de vida.

II. Participação na sala de aula

Através da utilização das ferramentas acima descritas, alcançámos os seguintes resultados:

O conceito de Assembleia Escolar permitiu que cada aluno/a se tornasse mais respeitoso/a para com os/as outros/as estudantes, que ouvisse mais os/as outros/as e valorizasse as contribuições dos/as seus/suas colegas. Lenta, mas seguramente, o nível de participação dos/as alunos/as e o seu empenho aumentou. Assistir às reuniões também fez com que os/as alunos/as se focassem mais e se mantivessem mais atentos/as à atualidade mundial.

Com o Projeto de Pesquisa Escolar Anual, os/as alunos/as adquiriram novos conhecimentos e competências, bem como a capacidade de participar. A sua motivação e o compromisso com o seu trabalho também aumentou.

Quanto ao próprio grupo, demonstrou maior coesão, motivação e entusiasmo, assim como a necessidade e vontade de aprender. Em suma, comportou-se como um grupo bem versado na arte da participação.

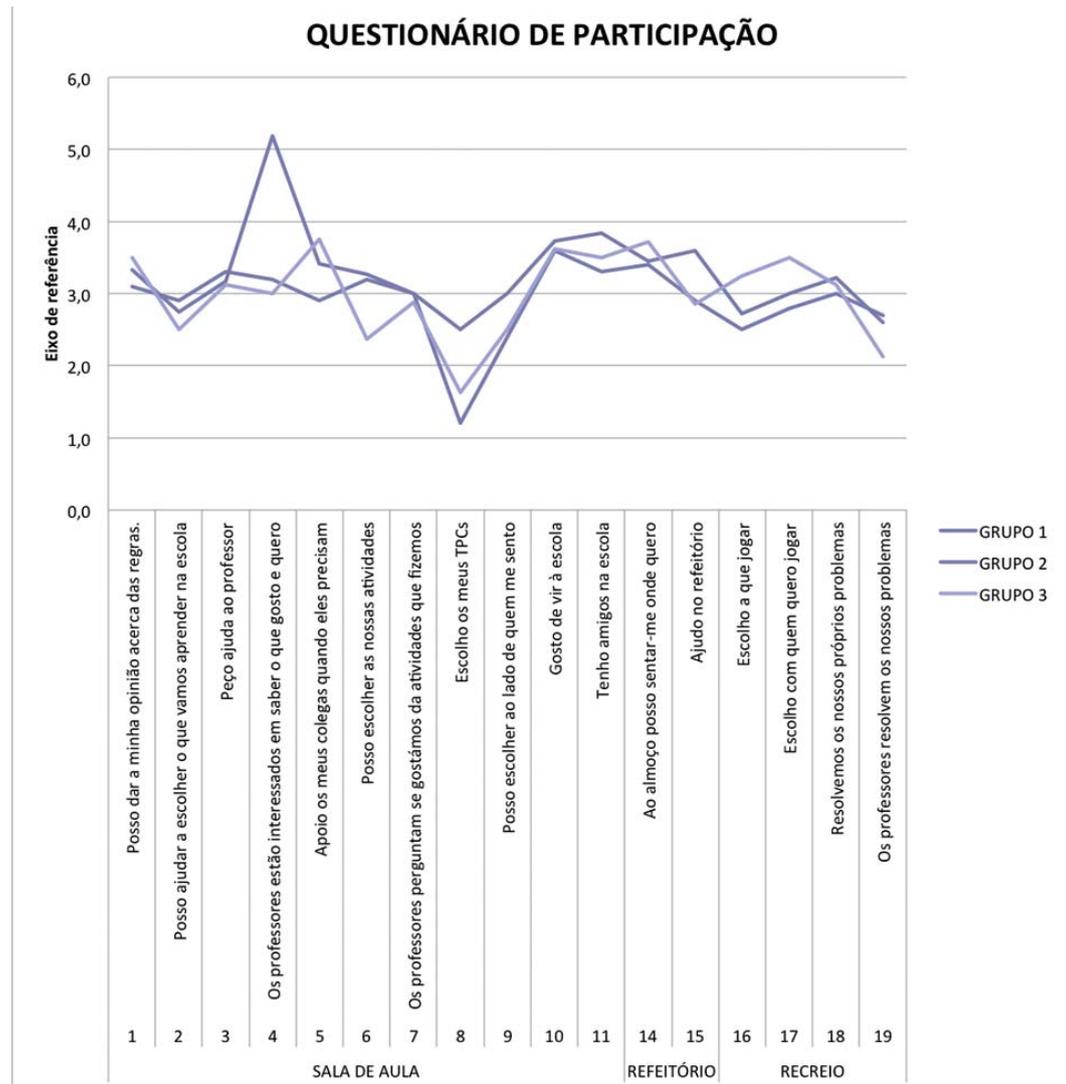
III. Participação ao nível do centro educativo

Os resultados do questionário obrigaram-nos a levantar novas questões e implementar novos planos de ação no nosso centro:

► Fomos capazes de obter informações mais precisas sobre os desejos e as necessidades especiais dos/as nossos/as alunos/as.

► Fizemos mudanças na nossa organização escolar: as aulas e as atividades tiveram de ser separadas antes do final de cada ciclo de estudos.

RESULTADOS

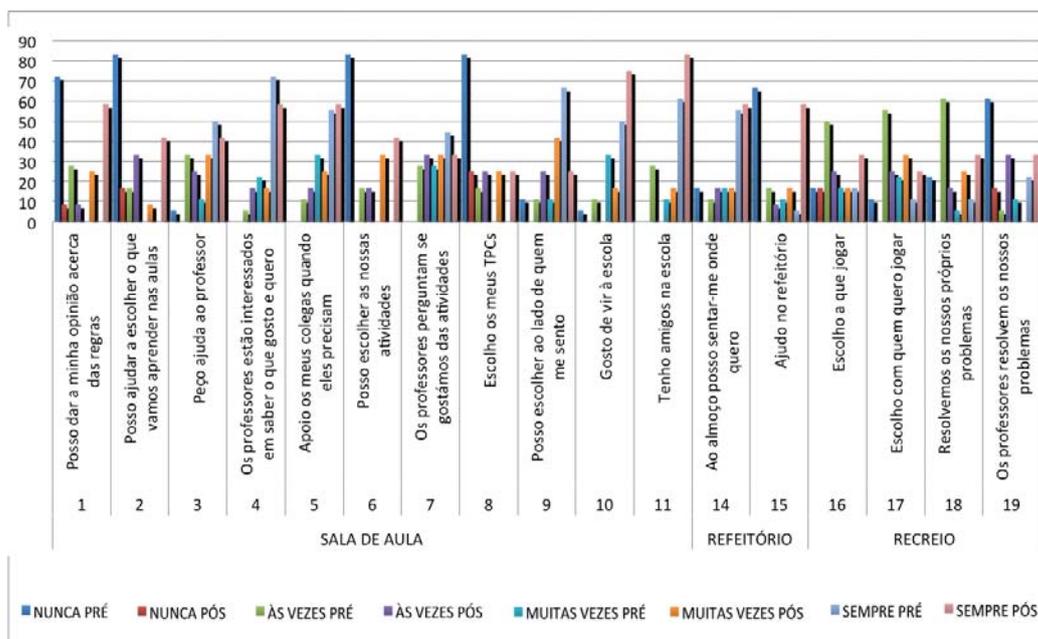


A seguir estão os resultados obtidos nos dois questionários que foram apresentados ao grupo de Transição para a Vida Adulta (TVA), tanto no início como no final do ano letivo.

Comparando os resultados entre o questionário apresentado no início do ano

letivo com o questionário apresentado no final do ano letivo, os resultados mostram claramente que a perceção dos/as alunos/as no programa de transição para a vida adulta (TVA) foi de que tinham participado mais, como reflete o questionário de final de ano letivo.

RESULTADOS DO INÍCIO DO ANO ESCOLAR VS FINAL DO ANO ESCOLAR – GRUPO TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA (TVA)



	PERGUNTA	NUNCA: 1	ÀS VEZES: 2	MUITAS VEZES: 3	SEMPRE: 4	GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3
SALA DE AULA	1	Posso dar a minha opinião acerca das regras.	3,3	3,1	3,5			
	2	Posso ajudar a escolher o que vamos aprender na escola.	2,8	2,9	2,5			
	3	Posso pedir ajuda ao/à professor/a.	3,2	3,3	3,1			
	4	Os/as professores/as estão interessados/as em saber do que gosto e o que quero.	5,2	3,2	3,0			
	5	Ajudo os meus colegas quando eles precisam.	3,4	2,9	3,8			
	6	Posso escolher as nossas atividades.	3,3	3,2	2,4			
	7	Os/as professores/as perguntam-nos se gostamos das atividades.	3,0	3	2,9			
	8	Posso escolher os meus TPCs.	2,5	1,2	1,6			
	9	Posso escolher ao lado de quem me sento.	3,0	2,4	2,5			
	10	Gosto de vir à escola.	3,7	3,6	3,6			
	11	Tenho amigos na escola.	3,8	3,3	3,5			
REFEITÓRIO	14	Ao almoço posso sentar-me onde quero.	3,5	3,4	3,7			
	15	Ajudo no refeitório.	3,6	2,9	2,9			
RECREIO	16	Escolho ao que quero jogar.	2,7	2,5	3,3			
	17	Escolho com quem quero jogar.	3,0	2,8	3,5			
	18	Nós resolvemos os nossos problemas.	3,2	3	3,1			
	19	Os/as professores/as resolvem os nossos problemas.	2,6	2,7	2,1			

Os resultados das perguntas feitas os/às mais jovens mostram que mais de 87% das crianças gostavam de frequentar a escola, de fazerem os trabalhos de casa e de ir às reuniões para falarem de si mesmos...

Estas crianças sentiram-se confortáveis durante vários momentos do dia na escola (97%) e não enfrentaram nenhuma dificuldade em lidar com esses momentos. Gostaram de trabalhar sozinhas, em grupo, no grupo de projeto de pesquisa da escola ou com um/a professor/a.

IV. Participação conjunta dos Centros Educativos

Durante os primeiros meses, os membros do grupo trabalharam para se conhecerem uns aos outros e no reforço do sentimento de coesão do grupo. Aos poucos, os/as jovens começaram a oferecer as suas sugestões. Apresentamos os nossos resultados abaixo.

A seguir estão as atividades que foram implementadas após considerar todas as sugestões apresentadas:

1. Os/as alunos/as com ou sem deficiência intelectual deram palestras noutras escolas.
2. A produção de um vídeo sobre as capacidades e competências das pessoas com deficiência.
3. A produção de um vídeo para informar o público em geral sobre o projeto Ouçam as Nossas Vozes e o nosso programa Passo a Passo.

4. Aulas de culinária inclusivas.
5. Concurso de Contos.
6. Dias de Desporto Inclusivo (com grupos inclusivos).
7. Concurso «Passo a Passo» (ver o vídeo).

Foram feitas vinte palestras em diferentes centros educativos tradicionais. Essas palestras foram dadas por membros do grupo. Durante o debate, o termo «deficiência» foi explicado, e houve vários exercícios de grupo cujo objetivo era promover maior consciencialização entre o público em geral.

1. **Produção de um vídeo sobre as capacidades e competências das pessoas com deficiência.**



2. Foi produzido um vídeo para informar o público em geral sobre os projetos Ouçam as Nossas Vozes e Passo a Passo.



3. **Aulas Inclusivas de Culinária.**

Estas aulas eram mensais. Por exemplo, houve aulas para ensinar a fazer pizza, bolinhos e ovos da Páscoa.





4. Concurso de contos.

Foram apresentados 31 contos de 15 centros educativos de Madrid.

Down Madrid

BASES I CONCURSO MICRO RELATOS

I Concurso de Micro Relatos para Centros Educativos "Escribir para Incluir"

El objetivo de este concurso es sensibilizar acerca de la inclusión en la sociedad de las personas con discapacidad intelectual desarrollando la capacidad de escritura de los alumnos.

BASES

1. Podrán concursar alumnos de 12 a 18 años a través de Centros Educativos del ámbito de la Comunidad de Madrid.
2. Se admitirán, como máximo, **una obra por centro educativo**.
3. La obra presentada deberá reunir las siguientes condiciones:
 - La temática será la **inclusión de las personas con discapacidad intelectual en la sociedad**
 - Ser original e inédita
 - No haber sido presentada ni premiada en otro certamen o concurso
 - Tener un límite de palabras de 3000 y estar firmada con sus datos
 - El formato de la obra será micro relato de 200 palabras máximo
 - Las obras podrán ser individuales o colectivas
4. Cada obra debe ser presentada dentro de un sobre que incluirá el trabajo original, una copia en formato digital (Word 2010 o formato equivalente) y los datos de contacto del autor. En el exterior de este sobre, se hará constar el nombre del centro al que atiene el autor y el profesorado de contacto del mismo.
5. Las obras serán recibidas hasta el 31 Febrero de 2014 en la siguiente dirección:

I CONCURSO DE MICRORRELATOS
 Fundación Síndrome de Down de Madrid
 C/ Carlos de la Sota nº 14, 1º - 28014 Madrid
6. El jurado dará a conocer su fallo en el acto de entrega de premios que se celebrará dentro del XI Certamen Literario Down Madrid.
7. No se devolverán los originales ni los copies de los trabajos participantes ni se mantendrá correspondencia con los autores no premiados.
8. Los ganadores recibirán los derechos de autor de las obras premiadas, que pertenecerán en exclusiva a la Fundación Síndrome de Down de Madrid.
9. Se otorgará un Primer Premio y dos Menciones de Honor.
10. La participación en este concurso implica la aceptación de estas bases.

Más información: Doble Puella, Telf.: 91 210 3204 ext. 214. jca@fundacionmdm.org

Fundación Síndrome de Down de Madrid www.fundacionmdm.org    



jaimé cabanas (jaimécabanasmdu) on Twitter

<https://twitter.com/jaimécabanasmdu>

¡¡¡¡¡Soy el ganador del concurso de microrrelatos! ... Todos somos iguales, y merecemos que nadie nos infravalore @DownMadrid #Inclusionpasoapaso.

Os/as jovens sentiram-se capacitados/as ao descobrir que podem tornar-se agentes de mudança caso assumam um papel proativo nas suas vidas.

5. Dia do Desporto Inclusivo (com grupos inclusivos).



6. Concurso «Passo-a-Passo» (ver vídeo).



O concurso atribuiu três Primeiros Prémios e um 2º Prémio dentre todos os trabalhos apresentados.

Primeiro Prémio na categoria de Ciência:
Escola Sant'Ana, Madrid.

Título do Projeto:
«Somos um mosaico genético».

2º Prémio na categoria de Ciência:
The British Council School, Madrid.

Título do Projeto:
«A Fonte dos Cientistas do Futuro».

Prémio Artístico:
Colégio LaSalle-São Rafael, Madrid.

Título do Projeto:
«Caminhando juntos».

Prémio de Desporto:
Colégio Trindade, Madrid.

Título do Projeto:
Inclusão no Desporto.



V. Participação através do trabalho voluntário em vários eventos na Fundação

▣ Celebração do Aniversário da Down Madrid

▣ Dia *Open House* na Down Madrid



▣ «Mostra que te preocupas»



▣ Prémios atribuídos durante a celebração do 25º Aniversário da Down Madrid



BIBLIOGRAFIA SOBRE PARTICIPAÇÃO

Ainscow, M., Booth, T. and Dyson, A. (1999). Inclusion and exclusion in schools: listening to some hidden voices. En K. Ballard, (Ed), *Inclusive education. International voices on disability and justice*, (pp.139-152). Londres: Falmer Press.

Ainscow, M., Booth, T. and Dyson, A. (2006). *Improving schools, developing inclusion* London: Routledge.

Booth, T. and Ainscow, M. (2000) *Guía para la evaluación y mejora de la educación inclusiva. Index for inclusion*. Madrid: Consorcio para la educación inclusiva.

Echeita, G. (2008). Inclusión y exclusión educativa. "Voz y quebranto". REICE-Revista electrónica Iberoamericana sobre calidad, eficacia y cambio en educación, 6(2), 9-18.

Echeita, G. (2010). *Repensar políticas y prácticas para promover la educación inclusiva. Barreras para el acceso, la permanencia, el aprendizaje y la participación en educación secundaria*. Trabajo presentado en las VIIª Jornadas de cooperación con Iberoamérica sobre educación especial e inclusión educativa, Paris.

Echeita, G., Simón, C., López, M. y Urbina, C. (2013) Educación inclusiva. Sistemas de referencia, coordenadas y vórtices de un proceso dilemático. En M.A. Verdugo. *Psicología y Discapacidad*. (pp. 329-358). Salamanca: Amaru.

FEAPS (2009).La educación que queremos. Situación actual de la inclusión educativa en España. Madrid: FEAPS. Available at:

<http://www.feaps.org/archivo/publicaciones-feaps/libros/coleccion-feaps/297-la-educacion-que-queremos-situacion-actual-de-la-inclusion-educativa-en-espana.html>.

Última consulta en diciembre de 2013.

FEAPS (2012). Cuaderno de buenas prácticas. HORA para la Inclusión. Herramienta orientada a la reflexión y la acción para el desarrollo de la inclusión desde los centros de educación especial. Madrid: FEAPS. Available at:

<http://www.feaps.org/archivo/publicaciones-feaps/libros/cuadernos-de-buenas-practicas/1285-hora-para-la-inclusion.html>.

Última consulta en diciembre 2013.

FEAPS (2013). Cuaderno de buenas prácticas. ¡Participa! Guía de participación de las personas con discapacidad intelectual o del desarrollo. Madrid: FEAPS. Disponible en:

<http://www.feaps.org/archivo/publicaciones-feaps/libros/cuadernos-de-buenas-practicas/1623-ip-a-r-t-i-c-i-p-a-guia-de-participacion-de-las-personas-con-discapacidad-intelectual-o-del-desarrollo.html>.

Última consulta en diciembre de 2013.

Fundación Síndrome de Down (2013). Proyecto general anual del centro de educación especial Carmen Fernández Miranda. Documento interno, Fundación Síndrome de Down.

Motxila 21 (2012). *LipDub que no es un LipDub (No somos distintos)* [Videoclip]. Navarra.

Murillo, F. y Krichesky, G. (2012). El proceso del cambio escolar. Una guía para impulsar y sostener la mejora de las escuelas. *Revista Iberoamericana sobre calidad, eficacia y cambio en educación*, 1 (10), 26-43.

Porter, J., Hacker, J., Georgeson, J., Daniels, H., Martin, S. y Feiler, A. (2010). *Disability toolkit for identifying and collecting disability data*.

Puig, J.M. (2012). La cultura moral como sistema de prácticas y mundo de valores. En J.M. Puig et al, *Cultura moral y educación* (pp.87-105). Barcelona: Graó.

Sandoval, M. (2011). Aprendiendo de las voces de los alumnos y Alumnas para Construir una Escuela Inclusiva. *REICE- Revista Iberoamericana sobre calidad, eficacia y cambio en educación*. 9(4), 114-125.

Schalock, R. y Verdugo, M. A. (2007). El concepto de calidad de vida en los servicios y apoyos para personas con discapacidad intelectual. *Siglo Cero*, 38(4), 21-36.

Susinos, T. (2009). Escuchar para compartir. Reconociendo la autoridad del alumnado en el proyecto de una escuela inclusiva. *Revista de Educación*, 349, pp. 119-136.

UNESCO (1994). Declaración de Salamanca y marco de acción para las necesidades educativas especiales. París: UNESCO. Disponible en:

http://www.unesco.org/education/pdf/SALAMA_S.PDF.

Última consulta en diciembre de 2013.

UNESCO (2003). Superar la exclusión mediante planteamientos integradores en la educación. Un desafío, una visión. Documento conceptual. París: UNESCO. Disponible en:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001347/134785s.pdf>

Última consulta en diciembre de 2013.

UNICEF COMITÉ ESPAÑOL (2006). Convención sobre los derechos del niño. Madrid: UNICEF. Disponible en:

http://www.unicef.es/sites/www.unicef.es/files/CDN_06.pdf

Última consulta en diciembre de 2013.

Outros recursos interesantes:

<http://www.redasociativa.org/creandofuturo> :

Página web de la Red de Educación para la Participación Juvenil. De entre los materiales que ofrecen en el apartado "Descarga de materiales", destacamos:

<http://congdxremadura.org/w/wp-content/uploads/2014/05/EL-RETO-DE-LA-PARTICIPACION.pdf>

<http://www.educacion.alboan.org/es/categories/1200/materials> :

Disponen de materiales específicos para trabajar la participación en el aula

<http://www.cuadernointercultural.com/> :

Página web de Cuaderno Intercultural, Recursos para la interculturalidad y la educación intercultural. En el apartado "Dinámicas para necesidades generales y especiales" incluye una gran variedad de dinámicas y propuestas adaptables a la temática de la participación.

<http://www.cuadernointercultural.com/dinamicas-y-juegos/necesidades-generales-y-especiales/>

<http://www.integrayparticipa.es/es/proyecto/>

<http://www.todosporlaparticipacion.org/>

<http://www.fundacionbertelsmann.org/cps/rde/xchg/SID-47273800-0DADA243/fundacion/hs.xsl/6335.htm>

<http://www.trama.org/proyecto-de-participacion-juvenil-en-programas-sociales>

Listening Together (Lumos): A resource containing practical advice and ideas for creating a suitable environment for child participation.

www.wearelumos.org/stories/turning-words-action



Inclusion Europe

INCLUSION EUROPE

A Inclusion Europe é a rede europeia de associações que representam pessoas com deficiência intelectual e as suas famílias em 36 países europeus. Desde 1988, a Inclusion Europe visa a integração política, a igualdade de oportunidades e a plena participação das pessoas com deficiência intelectual em todos os aspetos da sociedade. www.inclusion-europe.org.

EUROCHILD

A Eurochild é uma rede de organizações e indivíduos que trabalham em toda a Europa para melhorar a qualidade de vida de crianças e jovens. O trabalho da Eurochild é sustentado pelos princípios consagrados na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança. www.eurochild.org.



changing lives!

FUNDAÇÃO CEDAR, BULGÁRIA

A Fundação Cedar é uma organização búlgara sem fins lucrativos registada em 2005, que se foca na desinstitucionalização: o processo de encerramento de grandes instituições especializadas para crianças e jovens adultos com deficiência física e intelectual e substituí-los por serviços comunitários de tipo familiar. <http://www.cedarfoundation.org/en/>.

QUIP - ASSOCIAÇÃO PARA A MUDANÇA, REPÚBLICA CHECA

A associação cívica Quip foi fundada em 2003 para apoiar o desenvolvimento da qualidade e das boas práticas nos serviços sociais, promover a educação nesta área e estimular a consciencialização e os direitos dos utilizadores dos serviços sociais, em especial das pessoas com deficiência intelectual e necessidades complexas. <http://www.kvalitavpraxi.cz/en/>.



FUNDAÇÃO SÍNDROME DE DOWN, MADRID, ESPANHA

A Fundação Síndrome de Down de Madrid é uma organização sem fins lucrativos, cuja missão é a busca da autonomia individual das pessoas com síndrome de Down ou outras deficiências intelectuais e a sua plena integração social. www.downmadrid.org.

Em colaboração com Lumos: www.wearelumos.org. A Lumos trabalha para apoiar os 8 milhões de crianças institucionalizadas em todo o mundo no seu direito a uma vida familiar e para acabar com a institucionalização infantil!



Com o apoio financeiro do programa da Comissão Europeia dos Direitos Fundamentais e Cidadania.